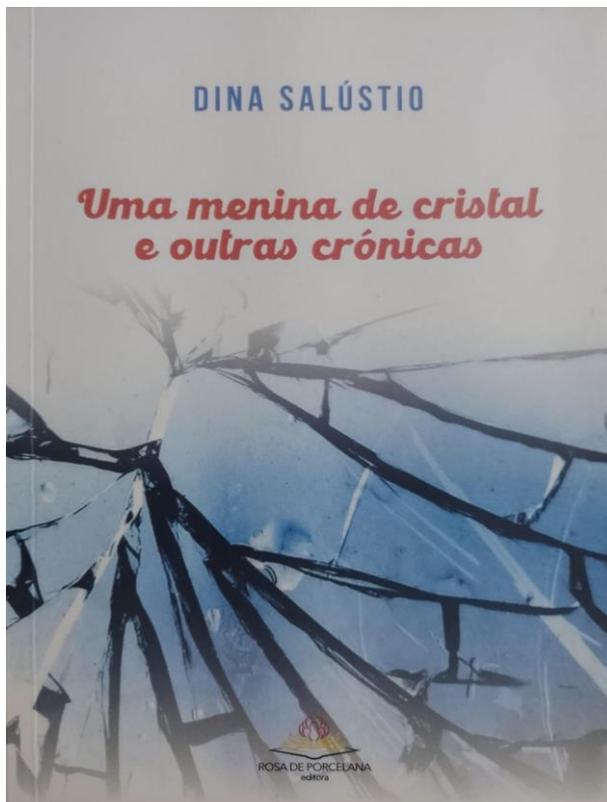


## O desassossego do cotidiano em *Uma menina de cristal e outras crônicas*, de Dina Salústio

Eni Alves Rodrigues\*

O meu país chama-se Cabo Verde,  
mas a ter outro nome seria Resistência.  
As nossas literaturas dão conta disso.  
São todas elas de resistência!

Dina Salústio



Dina Salústio (pseudônimo de Bernardina Oliveira), é poeta e prosadora, nascida em 1941, em Santo Antão, Cabo Verde. Foi professora primária, assistente social e jornalista em Portugal, Angola e Cabo Verde, além de sócia fundadora da Associação dos escritores de sua terra natal. No Brasil, integra a academia Sergipana de Letras. Dentre vários prêmios, citamos o prêmio de literatura infantojuvenil de Cabo Verde (1994), o Prêmio em Literatura infantojuvenil dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (2000), Prêmio Rosalia de Castro para a Literatura em língua portuguesa -PEN Galiza, Espanha (2016), Prêmio RDP África Literatura para a Lusofonia (2021).

Ao projeto de tradução de seu romance *A louca do Serrano* para a língua inglesa foi concedido o *PEN Award England* (2018).

Dina Salústio, como a maioria das mulheres do mundo, especialmente as cabo-verdianas, sofreu com as dificuldades de ser publicada. Mesmo as lutadoras nos movimentos intelectuais pela independência de seu país, ficaram de fora de diversas publicações da época, como a Revista *Claridade*, sendo a precursora da literatura cabo-verdiana de autoria feminina Orlanda Amarílis, já em 1962.

Apesar de todos esses percalços, Dina Salústio tem uma rica produção literária, sendo suas principais obras: *Mornas eram as noites*, contos; *A louca de serrano* (1998) e *Veromar* (2019), romances; os livros infantis *A estrelinha tlim tlim* e *Que os olhos não vêem*. Na poesia, vemos sua participação em *Mirabilis de veias ao sol: antologia dos*

*novíssimos poetas cabo-verdianos e Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX.*

Essa memorável autora de vários livros infantis lança, em 2023, *Uma menina de Cristal e outras crônicas*, composta por 29 narrativas, a maioria publicadas no jornal *Expresso das ilhas*, entre outubro de 2019 e fevereiro de 2022, ou seja, muitas delas escritas durante a pandemia de Covid-19. A organização da coletânea não foi feita por temas ou capítulos. Na apresentação da obra encontramos a justificativa para tal decisão:

A opção mais premente foi sem dúvida juntar os textos sobre a pandemia num capítulo independente, mas o efeito, fosse visual ou auditivo, pareceu-me algo contranatura, porque o nosso quotidiano não é feito de blocos selados ou vasos estanques, mas sim de situações que se interligam, se influenciam ou apenas convivem temporariamente e a alma ou a literatura têm essa característica única de permitir o júbilo ao lado do desassossego, a alegria a par da saudade, a leveza unida ao constrangimento. Tudo porque somos, afinal, ou sim ou não, o dia e a noite, a onda e a calmaria (Salústio, 2023, p.10).

Nessa pretensa desordem, uma organização interna pode ser percebida desde a primeira crônica – “Uma menina de cristal” – que dá título à obra: a presença do feminino e da ambivalência de sentimentos bons e maus, afinal isso é ser humano. O cotidiano das mulheres pelo mundo, especialmente no continente africano (não apenas das cabo-verdianas) também é percebido em muitas das narrativas, como por exemplo em “Uma mulher única”, na qual a autora trata do lugar das irmãs mais velhas na realidade de seu país. No referido texto temos uma

[...] homenagem para essas filhas de corpos magoados e de almas inquietas que com o seu esforço contribuem para que a vida nas ilhas funcione, obrigadas a esquecer seus direitos e sua infância, desistindo de lutar pela sua história a favor das crianças mais jovens (Salústio, 2023, p.19).

Nessa crônica, vemos os espaços atribuídos às mulheres se reproduzindo desde cedo, limitando os sonhos e as mudanças, reservando para aquelas que buscam fazer diferença o papel da resistência. Ao refletir sobre tradições que cerceiam as mulheres africanas, encontramos nas crônicas “África, há mais futuro para lá da ajuda” e “Hoje sou uma menina do Sudão” a persistência da mutilação genital feminina, um tema ainda muito presente. A autora argumenta que “a África só será livre quando suas mulheres tiverem liberdade e dignidade” (Salústio, 2023, p.24), alinhando-se com bell hooks e suas reflexões sobre o feminismo negro em *E eu não sou mulher?*, destacando como a exploração sexual contra mulheres negras moldou estereótipos prejudiciais e alimentou mitos racistas e sexistas. Além disso, ela ressalta como o feminismo ocidental negligencia as mulheres subjugadas pelo patriarcado sob o disfarce da tradição, que continua a impor culpa, vergonha, dor e escravidão às meninas africanas.

Partindo para o contexto da Covid-19, no qual a obra foi produzida, crônicas como “Murmúrios sobre a Covid-19”, “O beijo nos tempos da Covid-19”, “O que faz uma idosa na rua?”, “Estou em suas mãos” e “Vamos sobreviver”, trazem percepções sensíveis sobre o olhar, o contato, a solidão e, enfim, sobre decisões político-econômicas que definem quem pode (deve) morrer: “Em Cabo Verde, temos de escolher quatro ou três das nove ilhas povoadas, para terem mais um ventilador ou cama” (Salústio, 2023, p. 29). A pandemia de Covid-19 deixou claro a presença da

necropolítica, conceito de Achille Mbembe, que revela como certos regimes políticos promovem a morte como instrumento de controle e poder.

Convém trazer à tona ainda traços de uma pesquisadora de literatura na escritora Dina Salústio, que podem ser notados em diversas crônicas, como por exemplo em “Plantei uma árvore, tenho um filho e escrevi um livro”, “Falar de amor sem truques”, “Os loucos da minha cidade” e “Vulcão ... o fogo dorme”. Nessas crônicas, os apontamentos sobre novas tecnologias, novos autores de Cabo Verde, sobre o ato de escrever, o que escrever, o tema a ser tratado e o que seria ou não digno de ser escrito são abordados. A escritora, na crônica “Plantei uma árvore, tenho um filho e escrevi um livro”, lembra-se das cabo-verdianas que jamais puderam escrever uma carta para os filhos que emigraram, ao dizer: “em que ela [a avó] ficou menor se as histórias que contou ficaram gravadas como as viagens mais belas a ser ouvidas? Por que havia de se sentir frustrada por não ter escrito coisa nenhuma? (Salústio, 2023, p.56).

Um cotidiano entrelaçado com memórias da guerra pela independência de Cabo Verde, a vivência durante uma pandemia e inquietações sobre o papel da mulher cativam o leitor do começo ao fim. Na última crônica, encontramos o cerne que impulsiona a autora e o povo cabo-verdiano: a resistência. Dina Salústio expressa: “Se meu país não se chamasse Cabo Verde, seu nome seria Resistência”. (SALÚSTIO, 2023, p.81.). Fica o convite a você para se envolver nessa jornada de significado e fruição em *Uma menina de cristal e outras crônicas*.

## Referências

- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018.
- HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- SALÚSTIO, Dina. *Uma menina de cristal e outras crônicas*. [S.l.]: Rosa de porcelana, 2023.

---

\* Eni Alves Rodrigues é Doutora em Letras, Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. Professora de Português e Inglês Instrumental na Universidade federal de Viçosa. Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Betim-MG. Pesquisadora filiada a ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) e à AMPIC (Associação Mineira de Pesquisa e Iniciação Científica). Integrante do Grupo de Estudo Estéticas Diaspóricas (GEED) desde 2015 e do Grupo de pesquisa Mikhail Bakhtin, desde 2023. Participa da Equipe de apoio do literÁfricas/UFMG, disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/literafricas>. E-mail: [enialro@gmail.com](mailto:enialro@gmail.com)